

A NOÇÃO PROFESSOR EM DIÁRIOS REFLEXIVOS: UM ESTUDO ENUNCIATIVO

Duane Valentim¹
Solange Christiane Gonzalez Barros²

RESUMO

Com o objetivo de analisarmos as relações léxico-gramaticais no processo de geração de significação, selecionamos textos realizados por alunos do último ano do curso de Letras de uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo. Os textos são oriundos do trabalho final - Diário Reflexivo - que contém a reflexão dos alunos a respeito das suas experiências durante a realização do estágio supervisionado. Em tais textos, foi possível evidenciar uma seleção do léxico relacionada à noção de *professor*. As representações cognitivas de professor revelam as experiências de mundo dos alunos, dialogam com as noções socialmente já construídas e são mediadas por fatores físico-culturais. Por meio de marcas léxico-gramaticais, os alunos traduzem textualmente as relações psicossociológicas que caracterizam o processo de linguagem. São estas marcas léxico-gramaticais que analisaremos pautando-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, referencial teórico que assegura uma análise metalinguística e uma metodologia baseada na observação dos textos, nas formas lexicalizadas e nas construções gramaticais a fim de alcançarmos as representações psicossociológicas, que são de natureza cognitiva e abstrata.

Palavras-Chave: Enunciação; Operações Enunciativas; Noção; Léxico.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e membro do grupo de pesquisa LEnTe - Laboratório de Estudos Enunciativos do Texto, CNPQ. E-mail: duanevalentim@gmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), membro do grupo de pesquisa LEnTe - Laboratório de Estudos Enunciativos do Texto, CNPQ e Professora SEDUC São Paulo. E-mail: solchrisbarros@gmail.com.

Omnia Omnia Omnia Omnia Omnia

THE NOTION OF *TEACHER* IN REFLECTIVE JOURNALS: AN ENUNCIATIVE STUDY

ABSTRACT

In order to analyze the lexical-grammatical relations in the process of generating meaning, we selected texts written by students from the last year of the Bachelor of Arts in Education at a public university in the State of São Paulo. These texts are the final assignment - Reflective Journals - which contains the students' reflection on their experiences during the supervised internship. In such texts, it was possible to notice the selection of the lexicon related to the notion of teacher. The cognitive representations of *teacher* reveal the students' experiences that dialogue with the socially constructed notions and are mediated by physical and cultural factors. Through lexical-grammatical marks, the students translate in their texts the psycho-sociological relationships that characterize the language activity. These lexical-grammatical marks will be analyzed based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations, a theoretical framework that includes a metalinguistic analysis and the methodology will be based on the observation of texts, lexicalized forms and grammatical constructions in order to reach the psycho-sociological representations, which are cognitive and abstract in nature.

Keyword: Enunciation; Enunciative Operations; Notion; Lexicon.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos a noção de professor presente nos textos dos alunos do último ano do curso de Letras. Os textos são oriundos do trabalho final - Diário Reflexivo - a partir do qual os alunos devem relatar suas considerações e reflexões no decorrer de seu estágio. Trata-se do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa em que os alunos devem observar e acordar com o professor responsável pela sala em que o estágio será realizado, formas de trabalho para o ensino da língua a partir do embasamento teórico que fundamenta o próprio curso de Letras em percurso.

Ao final do semestre, o Diário Reflexivo é entregue como uma das formas avaliativas da disciplina e o objetivo principal é de que esse diário sirva como uma ferramenta que, durante seu processo de escrita, os alunos possam questionar, refletir e avaliar a sua prática em sala de aula. Desse modo, a elaboração dos diários pode ser entendida como um espaço simbólico que contribui para o desenvolvimento da reflexão teórico-crítica desses futuros professores.

Embora esse trabalho avaliativo de estágio nos mostre a observação do aluno, o planejamento que foi feito para a realização das aulas, sua percepção sobre seu papel social, a seleção e abordagem do conteúdo, entre outros, nota-se, por meio de construções léxico-gramaticais, as representações cognitivas que o estagiário tem

sobre o professor responsável pela sala estagiada. Tais representações, traduzidas textualmente por meio de relações psicossociológicas, são as que analisamos.

A análise proposta é baseada nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, doravante TOPE, referencial teórico que, com enfoque metodológico baseado na observação dos textos, das formas lexicalizadas e das construções gramaticais, por meio de uma análise metalinguística, nos permite encontrar marcadores das representações mentais e físico-culturais.

2 SOBRE A NOÇÃO E OUTROS CONCEITOS DA TOPE

Culioli (1990), linguista precursor dos fundamentos da TOPE, afirma ser o processo de predicação o responsável pela geração de significação, sendo esta anterior à constituição das classes de palavras que se cristalizam no sistema linguístico. É nesse processo de predicação que os sujeitos constroem significações e se constituem como sujeitos.

Para entender esse processo de construção de significação é preciso conceber a língua como um sistema de representação linguística que, neste quadro teórico, realiza-se pela articulação entre questões linguísticas e cognitivas por meio de operações de representação mental, de referenciação e de regulação.

Segundo Onofre (2008, p. 2240):

A representação mental diz respeito à forma de apreensão do mundo pelo sujeito, que se constrói mediada por fatores físico-culturais e mentais. Esse processo reflete-se na linguagem e caracteriza-se por construir as noções (linguísticas/extralinguísticas) que adquirem forma, quando em relação com outras noções.

São três os níveis envolvidos na representação. O nível I é o nível das representações mentais ligadas às nossas atividades cognitivas, afetivas e culturais. Essas atividades vão sendo organizadas em noções que, embora sejam inacessíveis, “podem ser alcançadas por meio dos seus traços materializáveis que são os textos” (CULIOLI, 1999, p. 162), nos fornecem o nível II, nível onde se organizam os marcadores e as regras de boa formação do enunciado.

Quanto ao nível III, este refere-se às representações metalinguísticas presentes no nível II. Este terceiro nível é construído pelo linguista, que elabora um sistema de representação por meio de marcadores, com a finalidade de explicitar suas observações. Dessa forma, a metalinguagem é necessária para que a análise não tenha um caráter apenas subjetivo com projeções feitas pelo linguista.

No que diz respeito à referenciação, esta envolve elementos do domínio linguístico e extralinguístico. É quando o sujeito, durante a produção do enunciado, vai construindo um sistema de coordenadas responsável pela atribuição de valores. São arranjos de formas que são constituídas a partir da maneira particular que o sujeito percebe o mundo. O valor referencial do enunciado, portanto, é construído, é

um encadeamento de operações em que as formas se organizam e se materializam.

Em relação à regulação, esta é definida como uma relação enunciativa instaurada entre os sujeitos. São os ajustamentos feitos pelos sujeitos na atividade de linguagem e que é mediado por fatores psicossociológicos. A regulação aproxima as representações dos sujeitos por meio das referências construídas por cada um. Consequentemente, entende-se a linguagem como um constante trabalho de regulação “porque há uma não coincidência de representações. E não coincidência de representações radica numa fronteira que existe entre o que é uma representação não material (abstrata, cognitiva) e uma representação material (linguística)” (VALENTIM, 2015, p. 200).

As três operações - representação, referenciação e regulação - permitem aos sujeitos produzirem e reconhecerem formas devido aos ajustamentos entre suas representações. Desse modo, Culioli (1990) também destaca em sua teoria a dimensão cognitiva da linguagem, além disso, apresenta-nos o conceito de noção que está na base da construção da significação. Este conceito é definido como sendo um feixe de propriedades físico-culturais sem estatuto linguístico. É “um sistema complexo de representação estrutural de propriedades físico-culturais de ordem cognitiva” (CULIOLI, 1999, p. 100).

A noção é indizível, não-materializável e só pode ser apreendida por meio das realizações particulares, pois ela se estabelece em situações de interação e se estabiliza com um ou outro significado conforme a relação entre os sujeitos e a relação destes com o mundo. De acordo com Rezende (2009, p. 20): “A noção é incorpórea e materializada no esforço que faz um sujeito para dar forma a uma representação mental por meio de arranjos léxico-gramaticais, seja na modalidade oral, seja na escrita da língua”. Desse modo, do ponto de vista linguístico, entende-se a noção como um sistema que sustenta as representações de uma dada língua.

É possível identificar a noção de forma fenomenológica, linguística e metalinguística. As ocorrências fenomenológicas referem-se aos objetos com os quais temos contato desde a infância e participam de fenômenos variados, tornando-se fonte de processos cognitivos e de representações que envolvem o interior de uma cultura. As ocorrências linguísticas dizem respeito à materialização da noção e, a metalinguística, compreende um domínio abstrato que não é o das representações cognitivas, mas o das representações metalinguísticas que estruturam as ocorrências das noções.

Quanto às formas de análise da noção, estas podem ser feitas, de acordo com Rezende (2009), por meio das unidades lexicais, por meio dos enunciados gramaticais ou, ainda, por meio do conteúdo de pensamento do qual se tem arranjos léxico-gramaticais. A cada ocorrência, a determinação da noção passa pelo tipo e pelo atrator, sendo o tipo um exemplar da noção dentro de uma classe - por exemplo, dentro de todas as possibilidades do que é uma maçã, uma maçã tipo é aquela que possui todas as propriedades dessa classe, seria um exemplar do que é uma maçã e todas as ocorrências estão conforme o tipo. Já o atrator é o que permite determinar em que medida uma ocorrência aproxima-se de uma noção e estabelece uma singularidade da noção e uma singularidade dos indivíduos.

Desse modo, entende-se que cada ocorrência traz uma singularidade do sujeito

que a distingue de todas as outras ocorrências pelo fato de ser realizada por um sujeito singular que possui pontos de vista também singulares de uma noção e que, ao mesmo tempo, também está conforme a noção. Neste ponto, chegamos ao conceito de domínio nocional.

Segundo Correia (2002, p. 30):

[...] as diferentes operações abstratas, ao incidirem sobre as noções, constroem um domínio nocional, isto é, uma classe de ocorrências que as torna quantificáveis, e um espaço topológico, que permite verificar o que pertence ao domínio, o que lhe é estranho, e o que se mantém na fronteira desse domínio.

O domínio nocional é, portanto, aberto e corresponde às representações variáveis, organizando-se ao redor de uma típica referência denominada de centro. Além disso, compreende um interior, um exterior e uma fronteira. O interior é composto por ocorrências de identificação com o centro organizador e, por isso, possui todas as propriedades que constituem a noção. O exterior, pelo contrário, distancia-se do centro organizador por não possuir as propriedades do centro e, por fim, a fronteira que é uma zona híbrida com ocorrências que possuem propriedades tanto do interior como do exterior.

Considerando o exposto, depreende-se que o quadro teórico que trabalhamos coloca-nos diante de uma impossibilidade de rotularmos itens lexicais, tanto gramaticais como semânticos, pois, para a TOPE, a indeterminação é condição essencial da linguagem. Em vista disso, neste trabalho propomos explicitar, por meio de uma análise metalinguística e uma metodologia baseada na observação dos textos, das formas lexicalizadas e das construções gramaticais, o modo como as experiências dos alunos aparecem nas noções envolvidas ao conceito de professor e como podem influenciar na variação do valor final a ela atribuída.

3 SOBRE O CORPUS E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para nossa análise, reunimos um corpus composto pelos diários reflexivos dos alunos do último ano do curso de Letras de uma Universidade pública do Estado de São Paulo. Os diários foram elaborados pelos alunos como uma das formas de avaliação da disciplina de Estágio Supervisionado de Prática de Ensino de Língua Portuguesa.

Em tais diários, os alunos descrevem todo o percurso de realização do estágio. Deve-se inserir informações sobre a seleção do conteúdo, como foi aplicado, o resultado esperado e o resultado obtido, bem como suas reflexões sobre sua prática. Os alunos, desse modo, colocam-se como observadores de si mesmos enquanto profissionais, além disso, o próprio exercício da escrita para a elaboração do diário oferece uma pausa para reflexão e redefinição de sua prática.

No final do semestre, os alunos entregaram os diários reflexivos e, durante a nossa leitura dos textos, foi possível constatar que além da observação de si mesmo e de sua prática, os alunos também observaram e avaliaram o professor responsável pela sala em que o estágio estava sendo realizado. Por meio das construções

léxico-gramaticais presentes nos textos, identificamos uma representação do que é ser professor. Seleccionamos, então, todos os enunciados que continham essa noção e os agrupamos conforme seu teor. Posteriormente, analisamos, por meio da metalinguagem e da construção de um sistema de representações metalinguísticas, as formas lexicalizadas e as construções gramaticais a fim de explicitar e descrever a representação de professor em tais enunciados.

Para o desenvolvimento da análise linguística apoiado na TOPE, é necessário o conhecimento de um conjunto de ferramentas conceituais e metalinguísticas que possibilitam construir tal análise, sua descrição e explicação. Como linguistas, estamos em busca constante de um conjunto de enunciados relacionados que permitem representar observações, graças ao que se pode denominar de construtivismo metalinguístico ou representações metalinguísticas dos fenômenos observados.

O trabalho do linguista, desta forma, relaciona-se com as condições que tornam um enunciado interpretável, condições estas que seriam os objetos linguísticos dos quais não nos podemos abster, tais como a relação primitiva, a léxis, o domínio nocional e uma rede de marcadores relacionados à categoria gramatical ou lexical.

A relação primitiva é concebida como uma das operações fundamentais envolvida na construção do enunciado. Está ordenada entre três noções em que uma funciona necessariamente como fonte e, a outra, como alvo. A relação primitiva se submete às operações que as lexicalizam como resultado de uma relação predicativa. Por ser todo termo constituinte de uma relação predicativa pertencente a um domínio nocional, é pressuposto uma relação entre domínios, mais especificamente, entre feixes de propriedades constituintes das noções.

Em relação às operações de natureza predicativa, destacam-se, dentre outras razões, pelo fato de seu encadeamento resultar no enunciado. “As operações predicativas são constitutivas da relação predicativa (simples ou complexa) e da organização sintática com que irá aparecer no enunciado” (VALENTIM, 1998, p. 43). Partindo, desse modo, de uma relação primitiva e de um esquema de léxis³, ocorre a construção do predicado e dos argumentos, sendo que o primeiro argumento – notado como 0 – distingue-se de um segundo argumento – notado como 1.

De acordo com Culioli (1995), os enunciados resultam da instanciação de um esquema de léxis que, por sua vez, situa-se em um espaço de referência regulada. Consequentemente, a construção de um enunciado está conectada com uma noção. Além disso, deve-se levar em consideração o fato de que há inicialmente o estabelecimento de uma relação R^4 que pode ser abstraída sob a forma de uma tripla « a R b », em que a é a origem de R e b, o objetivo de R.

Segundo Vignaux (1988), o esquema de léxis está associado a um filtro lexical que, conforme as circunstâncias, permite ao sujeito enunciadador efetuar a seleção de três termos do léxico: < a R b >; o que poderia ser retratado da seguinte maneira: <professora / agir / sozinha>, caso a intenção fosse demonstrar que se trata de um

³ No que concerne ao esquema de léxis, este é representado metalinguisticamente por < ξ_0 , ξ_1 , π >, onde ξ_0 e ξ_1 remetem às variáveis dos argumentos e π corresponde à variável dos operadores de predicação.

⁴ Considerado um objeto metalinguístico, constituído pelas noções lexicalizadas e categorizadas, que possui um sentido, porém ainda não é um enunciado, não está nem assertada, nem validada.

nível metalinguístico, e, portanto, preliminar à constituição do que em seguida resultará em um enunciado.

A partir da teorização e metodologias discutidas previamente, foi realizada a análise dos enunciados mediante a observação linguística fundamentada pelo sistema de representação metalinguística da TOPE, com o intuito de reconstruir as operações abstratas a que não temos acesso diretamente, mas que representam o trabalho de linguagem realizado pelo sujeito.

4 ENUNCIADOS EM ANÁLISE

Partindo da noção *professor*, identificamos uma diversidade de perspectivas concebidas. Abaixo, apresentamos alguns excertos extraídos de alguns dos diários reflexivos, doravante DR, que são representativos das variadas ocorrências que analisamos:

DR 1:

- A) As aulas, geralmente, não são muito ricas em discussões. Em grande parte, (1) a professora lê e comenta tudo sozinha.
- B) (2) As aulas eram baseadas em coletâneas elaboradas e comentadas pela professora. Entretanto, muitos alunos que vinham comentar as provas de vestibular feitas, diziam ter tido dificuldades na hora de ler, interpretar e relatar as informações dos textos da coletânea, pois, esse (3) processo sempre era feito pela professora, sem estimular os alunos a pensarem sozinhos.
- C) Estes comentários também seriam de grande utilidade ao professor, caso se interessasse, pois através deles seria possível saber em quais aspectos os alunos estão apresentando dificuldade. Entretanto, (4) em nenhum momento esses comentários eram lidos pela professora e não havia grandes conversas para a troca de informações entre professora e corretoras.
- D) Sendo assim, (5) as aulas consistiam basicamente em um monólogo da professora sobre o tema apresentado, sem grandes novidades teóricas sobre gramática do texto ou estratégias argumentativas.
- E) (6) O descaso do corpo docente pode ser visto no papel da professora, que se preocupava em trazer temas atuais, discuti-los, mas não estimulava seus alunos a pensar, argumentar e debater. (7) Percebendo que sua aula estava se tornando uma palestra, a professora poderia ter elaborado outra estratégia de aula, tentando atrair mais alunos para a sala de aula e maior participação dos presentes.
- F) Também (8) há um descaso quando a professora pensa que somente trazendo temas atuais aos alunos, vai ajudá-los a conquistar uma boa nota nos vestibulares, sem se preocupar em recuperar as falhas gramaticais e estruturais do texto de cada aluno.
- G) (9) Cabe aos professores pensar novas formas de atrair os alunos para o processo de aprendizado da escrita e suas normas exigidas no vestibular.

DR 2:

- A) (10) O exercício da prática leva o professor à consciência e responsabilidade da bagagem cultural, social e cognitiva dos alunos.
- B) (11) [...] o professor precisa ter consciência para que esteja em constante aprendizagem.
- C) (12) O papel de mediador na construção de conhecimento posiciona o professor como um agente transformador, e no caso da língua, um educador linguístico, aquele que trabalha para inserir na sociedade cidadãos usuários competentes da língua [...].
- D) (13) A atividade docente revela-se desafiadora, sacerdotal e gratificante, por ser à base de uma sociedade, por estar diretamente ligada às realidades humanas e ter como objeto de trabalho a formação de gente, construir um indivíduo, prepará-lo para a cidadania [...].
- E) Acima de tudo, porém, é nítido que a educação é antes de qualquer coisa uma ação de sociabilização, e o (14) professor é o agente transformador, mediador, educador que conduzirá essa sociabilização.
- F) Paradigmas tradicionais e autoritários não podem mais fazer parte da escola, assim como, não terá mais lugar (15) o professor que acredita ser o único dono do conhecimento, (16) a informação está presente na sala de aula concomitantemente à tecnologia e o aluno avalia o docente constantemente, desta forma, o respeito à cultura e ao conhecimento de cada um torna-se imprescindível à carreira docente.
- G) Em suma, (17) ser professor contemporâneo é formar o indivíduo para o exercício da cidadania e no caso específico da língua, torná-lo efetivamente usuário competente dela.

DR 3:

- A) Embora o material seja apostilado, alguns (18) professores levam materiais extras para a sala de aula, a fim de tornar a aula mais interessante e explicativa, como dicionários, filmes, músicas, mapas, documentários e textos impressos.

DR 4:

- A) Em sala de aula, no entanto, a realidade parece ser sempre singular e os (19) professores, cada qual, segue sua experiência e ministram suas aulas com bastante desembaraço com relação às grades curriculares. O que não quer dizer que sejam incoerentes com relação aos conteúdos a serem ministrados, pelo contrário, trata-se apenas de um ponto observado no pouco tempo que foi possível.
- B) (20) [...] a maioria com muitos anos de docência já não caminham felizes com o percurso da educação brasileira. Cansados com o descaso do governo, o baixo salário e, sobretudo, a falta de respeito da maioria dos alunos que os veem como

os “chatos” dispensáveis que os atrapalham com trabalhos e não os deixam exercer sua liberdade.

- C) Fica claro com esse relatório (e isso não é novidade alguma) que (21) o trabalho docente na rede pública é uma tarefa árdua e, muitas vezes, injusta por cobrar do professor habilidades que extrapolam suas funções.
- D) (22) Alguma parcela de culpa deve haver sim por parte de alguns professores, muitas vezes desatualizados ou despreocupados com a causa [...].
- E) (23) Se há certa resignação por parte dos professores da escola pública é certamente pelo não reconhecimento de suas atividades; por sentirem o descaso para com os estudantes na falta de material adequado, e uma estrutura bem planejada entre outros problemas.

DR 5:

- A) [...] trata-se daquela (24) questão de negociar com o aluno, tentar apontá-lo o quão importante é a sua participação em cada aula, fazer com que ele perceba também qual é a importância daquela determinada matéria, ou aula para a formação não só acadêmica, mas como pessoa também.

DR 6:

- A) Na relação professor-aluno, pude observar um (25) grande interesse do professor em ajudar o aluno e principalmente em motivá-lo a estudar, mostrando o porquê de estar ensinando a matéria e para que eles vão utilizá-las.
- B) Contudo, percebemos que (26) o papel do professor na escola tornou-se mais importante do que nunca, pois esse papel deve ser exercido não apenas na parte didática, mas também em um contato mais amigável, onde o professor mostra ao aluno o porque está aprendendo a matéria e qual vai ser sua utilidade futuramente [...].

DR 7:

- A) Creio que (27) as atividades do professor buscam fazer com que os interessados na aula aprendam, mesmo com toda dificuldade que se têm com a grande maioria que não tem motivação alguma para aprender.
- B) Vejo que às vezes (28) é necessário que o professor finja não ver indisciplina na sala de aula se quer ensinar alguma matéria. Se o professor se concentrar em quem não quer “nada com nada”, não conseguirá ensinar aqueles poucos alunos que prestam atenção.
- C) Definitivamente, vejo que a interação professor-coordenador e professor-diretor são muito importantes no que se refere à autoridade que o professor tem em sala de aula. Se ele não tem apoio, (29) é desmotivado a agir contra um aluno indisciplinado, e se estressa muito mais numa sensação de impotência diante de um confronto.

- D) Sumarizando a minha experiência, eu confirmo os temores que tinha em relação à ensinar no ensino público: (30) a desvalorização do professor como autoridade em sala de aula e a dificuldade de ensinar os alunos é enorme, num sistema que não valoriza os interessados e não pune os indisciplinados.
- E) (31) O professor tem de se desdobrar para que o mínimo de conteúdo seja aplicado e os alunos saibam o suficiente para passar numa prova do ENEM.

A partir da observação desses enunciados oriundos dos DRs, foi possível identificar, por exemplo, as seguintes concepções de *ser professor(a)*: *agente ativo e transmissor de conhecimento, agente formador, transformador, negociador, motivador, orientador, esforçado, responsável, egoístas, despreocupados, desrespeitados, insatisfeitos, cansados, desvalorizados socialmente e financeiramente, injustiçados*, entre outros.

Ao ser realizada uma observação mais cuidadosa dos enunciados, foi possível notar que a noção *ser professor(a)* designava alguns valores. Como algumas ocorrências transitam em mais de uma noção, optamos por separá-las em grupos conforme o tipo de noção que veiculam, isto é, do feixe de propriedades físicas e culturais que lhes subjaz. Dos dados que dispomos, pudemos identificar seis diferentes noções associadas a *ser professor(a)*, conforme exposto na T1.

Tabela 1 - Tipos de noções associadas ao ser professor

Tipo de noção veiculada	Ocorrências
(I) Noção de professor associado ao ensino conteudista/detentor do saber	<p>(3) [...] <i>processo sempre era feito pela professora, sem estimular os alunos a pensarem sozinhos.</i></p> <p>(4) [...] <i>em nenhum momento esses comentários eram lidos pela professora e não havia grandes conversas para a troca de informações entre professora e corretoras [...].</i></p> <p>(6) O descaso do corpo docente pode ser visto no papel da professora, que se preocupava em trazer temas atuais, discuti-los, mas <i>não estimulava seus alunos a pensar, argumentar e debater.</i></p> <p>(7) Percebendo que <i>sua aula estava se tornando uma palestra</i>, a professora poderia ter elaborado outra estratégia de aula, tentando atrair mais alunos para a sala de aula e maior participação dos presentes.</p> <p>(15) o professor que acredita ser o <i>único dono do conhecimento [...].</i></p>
(II) Noção de professor associada à ideia de formador/transformador/negociador/motivador/orientador.	<p>(9) Cabe aos professores <i>pensar novas formas de atrair os alunos [...].</i></p> <p>(12) O papel de <i>mediador</i> na construção de conhecimento posiciona o <i>professor como um agente transformador, [...].</i></p>

	<p>(13) A atividade docente revela-se desafiadora, sacerdotal e gratificante, por ser à base de uma sociedade, por estar diretamente ligada às realidades humanas e ter como objeto de trabalho a <i>formação de gente, construir um indivíduo, prepará-lo para a cidadania</i> [...].</p> <p>(14) professor é o <i>agente transformador, mediador, educador</i> que conduzirá essa sociabilização.</p> <p>(17) ser professor contemporâneo é <i>formar o indivíduo para o exercício da cidadania</i> e no caso específico da língua, [...].</p> <p>(18) professores levam materiais extras para a sala de aula, <i>a fim de tornar a aula mais interessante e explicativa</i> [...].</p> <p>(24) questão de negociar com o aluno, tentar apontá-lo o quão importante é a sua participação em cada aula, <i>fazer com que ele perceba também qual é a importância daquela determinada matéria</i>, ou aula para a <i>formação não só acadêmica, mas como pessoa também</i>.</p> <p>(25) <i>grande interesse do professor em ajudar o aluno e principalmente em motivá-lo a estudar</i>, mostrando o porquê de estar ensinando a matéria e para que eles vão utilizá-las.</p> <p>(26) o papel do professor na escola tornou-se mais importante do que nunca, pois esse papel deve ser exercido não apenas na parte didática, mas também em um contato mais amigável, onde o <i>professor mostra ao aluno o porque está aprendendo a matéria</i> e qual vai ser sua utilidade futuramente [...].</p> <p>(27) [...] as atividades do professor <i>buscam fazer com que os interessados na aula aprendam</i>, mesmo com toda dificuldade que se têm com a grande maioria que não tem motivação alguma para aprender.</p>
<p>(III) Noção de professor associada a ser esforçado/ responsável;</p>	<p>(6) O descaso do corpo docente pode ser visto no papel da professora, que se preocupava em trazer temas atuais, discuti-los, mas <i>não estimulava seus alunos a pensar, argumentar e debater</i>.</p> <p>(13) A atividade docente revela-se desafiadora, sacerdotal e gratificante, por ser à base de uma sociedade, por estar diretamente ligada às realidades humanas e ter como objeto de trabalho a <i>formação de gente, construir um indivíduo, prepará-lo para a cidadania</i> [...].</p> <p>(18) professores levam materiais extras para a sala de aula, <i>a fim de tornar a aula mais interessante e explicativa</i> [...].</p> <p>(27) [...] as atividades do professor <i>buscam fazer com que os interessados na aula aprendam</i>, mesmo com toda dificuldade que se têm com a grande maioria que não tem motivação alguma para aprender.</p>

	<p>(31) O professor tem de se desdobrar para que o mínimo de conteúdo seja aplicado e os alunos saibam o suficiente para passar numa prova do ENEM.</p>
<p>(IV) Noção de professor associada à inaptidão, desqualificação; despreocupado/desatualizado não ter interesse em formação continuada;</p>	<p>(1) [...] a professora lê e comenta tudo sozinha.</p> <p>(2) As aulas eram baseadas em coletâneas elaboradas e comentadas pela professora.</p> <p>(3) [...] processo sempre era feito pela professora, sem estimular os alunos a pensarem sozinhos.</p> <p>(4) [...] em nenhum momento esses comentários eram lidos pela professora e não havia grandes conversas para a troca de informações entre professora e corretoras [...].</p> <p>(5) [...] as aulas consistiam basicamente em um monólogo da professora sobre o tema apresentado [...].</p> <p>(6) O descaso do corpo docente pode ser visto no papel da professora, que se preocupava em trazer temas atuais, discuti-los, mas não estimulava seus alunos a pensar, argumentar e debater.</p> <p>(7) Percebendo que sua aula estava se tornando uma palestra, a professora poderia ter elaborado outra estratégia de aula, tentando atrair mais alunos para a sala de aula e maior participação dos presentes.</p> <p>(8) há um descaso quando a professora pensa que somente trazendo temas atuais aos alunos, vai ajudá-los a conquistar uma boa nota nos vestibulares, sem se preocupar em recuperar as falhas gramaticais e estruturais do texto de cada aluno.</p> <p>(22) Alguma parcela de culpa deve haver sim por parte de alguns professores, muitas vezes desatualizados ou despreocupados com a causa [...].</p> <p>(28) é necessário que o professor finja não ver indisciplina na sala de aula se quer ensinar alguma matéria. Se o professor se concentrar em quem não quer “nada com nada”, não conseguirá ensinar aqueles poucos alunos que prestam atenção.</p>
<p>(V) Noção de professor com relação ao desrespeito/ à insatisfação/ ao cansaço/ à desmotivação/ à desvalorização social e financeira/ à injustiça;</p>	<p>(20) [...] a maioria com muitos anos de docência já não caminham felizes com o percurso da educação brasileira. Cansados com o descaso do governo, o baixo salário e, sobretudo, a falta de respeito da maioria dos alunos que os veem como os “chatos” dispensáveis que os atrapalham com trabalhos e não os deixam exercer sua liberdade.</p> <p>(21) o trabalho docente na rede pública é uma tarefa árdua e, muitas vezes, injusta por cobrar do professor habilidades que extrapolam suas funções.</p>

	<p>(23) Se há certa resignação por parte dos professores da escola pública é certamente pelo <i>não reconhecimento de suas atividades</i> [...].</p> <p>(28) é necessário que o professor finja não ver indisciplina na sala de aula se quer ensinar alguma matéria. <i>Se o professor se concentrar em quem não quer “nada com nada”, não conseguirá ensinar aqueles poucos alunos que prestam atenção.</i></p> <p>(29) é desmotivado a agir contra um aluno indisciplinado, e se estressa muito mais numa sensação de <i>impotência</i> diante de um confronto.</p> <p>(30) a <i>desvalorização do professor como autoridade em sala de aula e a dificuldade de ensinar os alunos é enorme, num sistema que não valoriza os interessados e não pune os indisciplinados.</i></p>
<p>(VI) Noção de professor vinculada à ideia de ter que possuir experiência/obrigatoriedade de investir em formação continuada;</p>	<p>(9) Cabe aos professores <i>pensar novas formas de atrair os alunos para o processo de aprendizado da escrita e suas normas exigidas no vestibular.</i></p> <p>(10) O exercício da prática leva o professor à <i>consciência e responsabilidade da bagagem cultural, social e cognitiva dos alunos.</i></p> <p>(11) [...] o professor precisa <i>ter consciência para que esteja em constante aprendizagem.</i></p> <p>(16) a <i>informação está presente na sala de aula concomitantemente à tecnologia e o aluno avalia o docente constantemente, desta forma, o respeito à cultura e ao conhecimento de cada um torna-se imprescindível à carreira docente.</i></p> <p>(17) <i>ser professor contemporâneo</i> é formar o indivíduo para o exercício da cidadania e no caso específico da língua [...]</p> <p>(19) professores, cada qual, <i>segue sua experiência e ministram suas aulas com bastante desembaraço com relação às grades curriculares.</i></p>

Fonte: Levantamento das ocorrências.

Em virtude da considerável quantidade de dados obtidos, realizamos um recorte em que selecionamos as predicções mais representativas do *corpus* como um todo. Com a finalidade de explicitar o modo como ocorre o preenchimento da noção em um determinado ambiente textual, neste trabalho, apresentamos a análise da produção linguístico-textual do DR 1, sobretudo os enunciados em itálico.

Inicialmente, retomamos a léxis <professora / agir / sozinha>, partindo de *professora* para estabelecer as operações que se desencadeiam por meio de um procedimento de abstração. Dessa forma, é possível demonstrar o seu desempenho mediante um “gerador de paráfrases⁵” que é produzido a partir da construção de

um enunciado derivado de uma família de enunciáveis em relação de paráfrase. Por conseguinte, um sistema de representação metalinguística permite marcar formalmente as similaridades entre os enunciados, independentemente das regras que estão subjacentes à transposição de um agenciamento a outro, como nos casos abaixo:

< a R b >

< **professora agir sozinha** >

(1) [...] a **professora lê e comenta tudo sozinha**.

(3) [...] **processo sempre era feito pela professora**, sem estimular os alunos a pensarem sozinhos.

(5) [...] as aulas consistiam basicamente em **um monólogo da professora** <professora falar sozinha> sobre o tema apresentado [...].

(15) o **professor** que acredita **ser o único dono do conhecimento** [...].

Consequentemente, uma relação predicativa exprime uma potencialidade enunciativa ao impulsionar a geração de possíveis enunciados. Por meio destas ocorrências as noções são apreendidas permitindo, assim, a sua constituição. Tais ocorrências possuem diferentes propriedades ao serem localizadas em relação a um tempo e a um espaço. O posicionamento dos termos e as relações de localização abstrata estabelecem encadeamentos que geram uma imbricação de ocorrências, compondo um conjunto de valores diferentes de uma mesma ocorrência.

O sujeito enunciador ordena os termos da léxis, orienta e sistematiza qual termo será a origem de tudo o que afeta a ordem de uma determinada modalidade de asserção - tanto de natureza afirmativa ou negativa como de possibilidade ou de probabilidade - na formação da predicação.

Após essa etapa, chega-se à relação enunciativa que se define por situar o encadeamento construído entre os termos em relação a uma dada situação enunciativa, levando em consideração os enunciadores e o momento da enunciação. Neste ponto encontra-se a nossa análise, pois, baseando-nos no modelo teórico culioliano, realizamos a manipulação dos enunciados e, à medida que determinamos a ordem das relações predicativas, visualizamos os diferentes valores de uma mesma ocorrência.

Considerando a noção /professor/ /ser/, temos:

(15) o **professor** que acredita **ser o único dono do conhecimento** [...]

(15a) o professor que acredita ser o único conhecedor;

(15b) o professor que acredita ser o único formador;

(15c) o professor que acredita ser o único sábio;

⁵ Atividade regrada controlada pelo linguista, pelo observador.

(15d) o professor que acredita ser o único com informação;
 (15e) o professor que acredita ser o detentor do saber.

As predicções apontam para os diferentes valores nocionais obtidos em situações distintas de <professor / ser>, consideradas anteriores à enunciação. Em um primeiro momento, percebe-se que a noção *professor* centraliza-se em diferentes perspectivas, sobretudo ao levarmos em consideração três enunciadores distintos que são traçados no texto a partir de E0⁶, ponto de partida da enunciação:

E1 = Eu / aluno estagiário
 E2 = A professora
 E3 = Os professores

Como as propriedades acabam diferenciando-se, é possível identificar, então, um sistema de representação complexo e estruturado, de propriedades físico-culturais. Além disso, a representação de um domínio nocional fornece, inicialmente, operações sobre operações que diferenciam as cadeias de derivação.

Por conseguinte, no que concerne à E₁, a noção <professor / ser> está associada à ideia de agente ativo, transmissor de conhecimento, detentor do saber e como aquele que desconsidera as dificuldades de aprendizagem dos alunos. É possível observar um posicionamento implícito, por parte do aluno, de indignação em relação ao profissional da educação ao associá-lo a um disseminador do ensino conteudista, ou seja, prioriza o conteúdo em detrimento do interesse dos discentes.

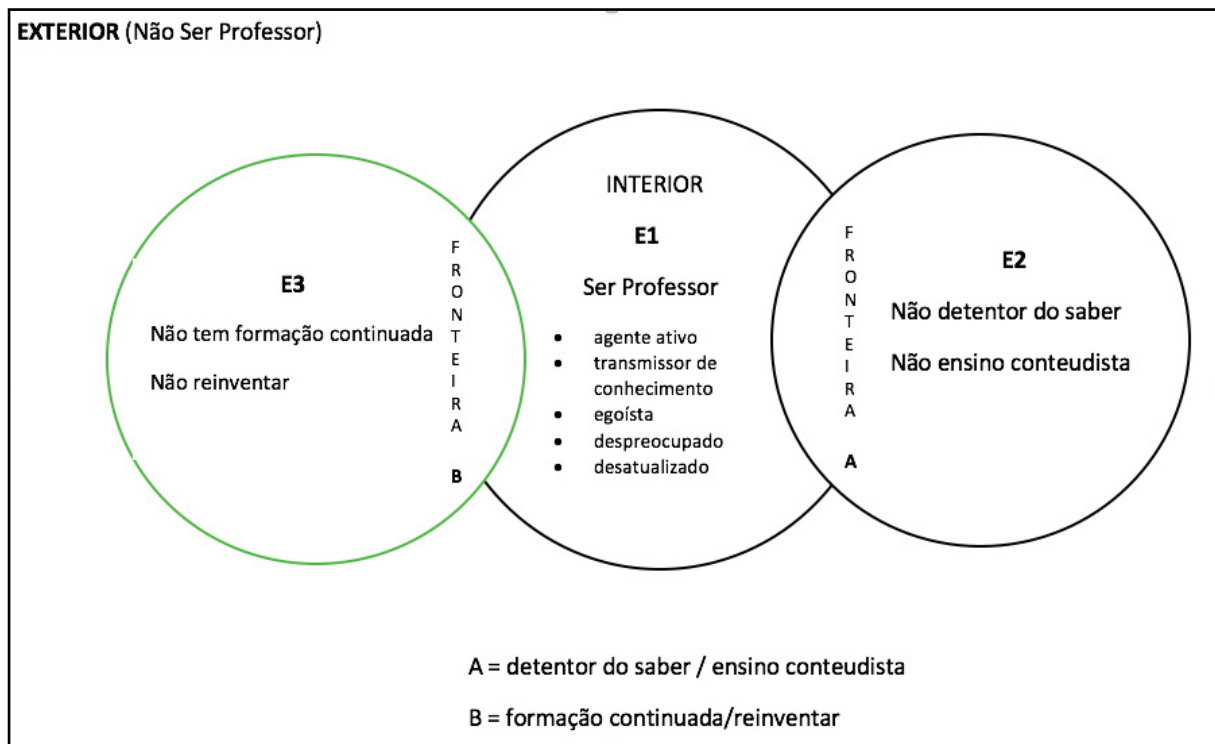
Quanto à E₂, este, por meio da representação físico-cultural, designa a professora como inapta, desqualificada, despreparada, aquela com “descaso” por não serem as aulas “muito ricas em discussões”. Um estado de efetivação, uma ação que se concretizou, é estabelecido em (6): “O descaso do corpo docente pode ser visto no papel da professora, que se preocupava em trazer temas atuais, discuti-los, mas não estimulava seus alunos a pensar, argumentar e debater”, caracterizando uma predicção de existência e desencadeando um estado de possibilidade, que pode se concretizar ou não, em “a professora poderia ter elaborado outra estratégia de aula, tentando atrair mais alunos para a sala de aula e maior participação dos presentes”, tratando-se, neste caso, de uma predicção de inexistência.

Por fim, percebe-se em E₃ um direcionamento similar ao de E₂ ao retomar a noção <professor / ser> veiculando a ideia de professor como o único responsável pelo ensino/aprendizagem dos alunos, por promover mudanças na educação e por ter a obrigação de investir em formação continuada.

Dessa forma, identificamos três propriedades (Figura 1).

⁶ Designa um localizador abstrato, concebido como a origem das operações de localização subjetivas, compondo a base para a construção e reconstrução dos valores referenciais de um enunciado. Tais valores referenciais dizem respeito aos julgamentos humanos, pontos de vista subjetivos e valores aspectuais e modais encontrados em um texto. Quanto à E₁, E₂ e E₃, estes são considerados os sujeitos do enunciado.

Figura 1 - <ser professor(a)> em DR1



Seguindo para uma segunda etapa de nossa análise, apresentamos uma relação enunciativa sobre a noção *aula* associada à noção *professor*. Desse modo, partindo de algumas predicções da sequência linguístico-textual do DR1, obtemos as ocorrências de (1) a (4) a seguir:

As aulas, geralmente, não são muito ricas em discussões.

- (a) As aulas eram baseadas em coletâneas elaboradas e comentadas pela professora.
- (b) As aulas eram sem comentários.
- (c) As aulas eram basicamente um monólogo da professora.
- (d) A aula era uma palestra.

Em relação às paráfrases acima, embora delimem propriedades características oriundas de /aula/ /ser/, sua realização justifica-se pelo fato de que constituem uma força argumentativa essencial nas representações cognitivas de *professor(a)* em DR1.

Conforme as manipulações realizadas, foi possível identificar, nas construções textuais dos alunos, uma seleção do léxico que remete para propriedades físico-culturais que desencadeiam elementos relacionados com a imagem do professor. Dessa forma, a construção das sequências resulta em predicções que traduzem textualmente as relações psicossociológicas que caracterizam o processo de linguagem associado à noção *professor(a)*.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tivemos como objetivo, neste trabalho, abordar a noção *professor* presente nos diários reflexivos redigidos pelos alunos do último ano do curso de Letras durante a realização do estágio. Constatamos, por meio das marcas léxico-gramaticais e das representações cognitivas presentes nos textos dos alunos, que há uma seleção do léxico que remete para noções que são constituídas por traços físico-culturais e que se relacionam com a representação de *professor*. Tais representações estão ligadas às experiências de mundo dos alunos e dialogam com noções socialmente já construídas.

Por meio de manipulações, observamos que, embora ocorra a variação dos marcadores responsáveis pelo surgimento de diferentes fenômenos linguísticos, as predicções emergem do mesmo esquema de léxis, <professor / ser>, implicando em noções que apontam para uma imagem negativa do professor, de um profissional desrespeitado pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- CORREIA, C. N. **Estudos de determinação**: a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.
- CULIOLI, A. En guise de clôture. *In*: ROBERT, S. (org.). **Langage et sciences humaines**: propos croisés : actes de Colloque Langues et Langages en Hommage à Antoine Culioli. Suisse : Lang, 1995. p. 145-160. (Coleção Sciences pour la communication).
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalisation et opérations de repérage. Paris : Ophrys, 1999. Tome 2.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. Tome 1.
- ONOFRE, M.B. O processo de predicação no ensino de língua. *In*: MAGALHÃES, J.S.; TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2239-2244.
- REZENDE, L. M. Articulação da linguagem com as línguas naturais: o conceito de noção. *In*: ONOFRE, M. B. O.; REZENDE, L. M. (org.). **Linguagem e Línguas Naturais**: Clivagem entre o enunciado e a enunciação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. p. 13-42.
- VALENTIM, H. T. Contributo para uma abordagem enunciativa do ajustamento intersubjetivo: Um estudo de caso. **Revista Ecos**, v.19, n.2, p. 197-205, 2015.

_____. **Predicação de existência e operações enunciativas.** Lisboa : Edições Colibri, 1998.

VIGNAUX, G. **Le discours acteur du monde:** énonciation, argumentation et cognition. Paris : Ophrys, 1988.

